

QUE A FESTA COMECE

NICCOLÒ AMMANITI

QUE A FESTA COMECE

Tradução de
JOSÉ J. C. SERRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*Ao Anatole
que me tirou de dentro de uma caixa*

PRIMEIRA PARTE

GÉNESE

*Suicide is painless
It brings on many changes...
The game of life is hard to play
I'm gonna lose it anyway
The losing card I'll someday lay
So this is all I have to say*

MASH, «Suicide Is Painless»

*Tu sei forte, tu sei bello, tu sei imbattibile,
tu sei incorruttibile, tu sei un... Ah... Ah... Cantautore.*

EDOARDO BENNATO, «Cantautore»

1.

A uma mesa da Pizzaria Jerry 2 em Oriolo Romano estavam reunidas as Feras de Abaddon.

O líder, de nome Saverio Moneta e alcunha Mantos, estava preocupado.

A situação era grave. Se não conseguisse recuperar o seu poder sobre a seita, aquela corria o risco de ser a última reunião das Feras.

A hemorragia já tinha começado há algum tempo. O primeiro a ir-se embora foi Paolino Scialdone, chamado Il Falciatore. Sem dizer palavra, deixou-os e entrou nos Filhos do Apocalipse, um grupo satânico de Pavia. Passadas poucas semanas, Antonello Agnese, chamado Molten, comprou uma *Harley Davidson* em segunda mão e juntou-se aos Hell's Angels de Subiaco. E, para terminar, Pietro Fauci, chamado Nosferatu, braço direito de Mantos e histórico fundador das Feras, casara-se e abriu uma loja de produtos termo-hidráulicos em Abetone.

Tinham ficado quatro. Era preciso ter uma conversa muito séria, pô-los na linha e recrutar novos adeptos.

— Mantos, o que é que vais querer? — perguntou-lhe Silvietta, a vestal do grupo, uma ruiva magrinha, com dois olhinhos redondos que sobressaíam por baixo das sobrancelhas finas, posicionadas demasiado acima na testa. Trazia uma argola prateada numa narina e outra no meio do lábio.

Saverio olhou de relance, distraído, para o menu.

— Não sei... Uma *marinara*? Não, é melhor não, o alho fica-me no estômago... Umas *pappardelle*, é isso.

— Não as fazem à maneira, mas são boas na mesma! — aprovou Roberto Morsillo, chamado Murder, um gorducho de quase dois metros de altura, de cabelos compridos e pintados de preto, e óculos sujos de gordura. Vestia uma camisola larga dos Slayer. Oriundo de Sutri, estudava Direito em Roma e trabalhava no Bricocenter de Vetralla.

Saverio esquadrinhou os seus discípulos. Apesar de já passarem dos trinta anos, ainda se vestiam como um bando de metaleiros desgraçados. E até lhes recomendava: «Têm de parecer normais, fora com os *piercings*, as tatuagens e as tachas...» Mas não havia maneira.

São assim e não há nada a fazer, pensou, resignado.

Mantos levantou o olhar, a sua imagem refletia-se no grande espelho da cerveja *Moretti* pendurado atrás do balcão da pizaria. Magro, um metro e setenta e dois de altura, óculos com armação de metal, cabelos escuros com o risco à esquerda. Vestia uma camisa azul de meia manga abotoada até ao pescoço, calças de pregas de bombazina azul e um par de mocassins estilo *college*.

Um tipo normal. Como todos os grandes paladinos do Mal: Ted Bundy, Andrej Čikatilo, Jeffrey Dahmer, o canibal de Milwaukee. Gente com quem podíamos cruzar-nos na rua e não lhes prestaríamos a menor atenção. Porém, eram os filhos prediletos do Demónio.

Que faria o Charles Manson no meu lugar se tivesse tido discípulos tão desgraçados como os meus?

— Mestre, precisamos de falar contigo... Pensámos uma coisa sobre a seita... — fintou-o Edoardo Sambreddero, chamado Zombie, o quarto membro do grupo, um tipo alucinado que não podia comer alho, chocolate e bebidas gaseificadas. Sofria de esofagia congénita. Ajudava o pai a fazer instalações elétricas em Manziana. — Nós, tecnicamente, não existimos como seita.

Saverio tinha intuído o que queria dizer o adepto, mas fingiu não perceber.

— O que queres dizer?

— Há quanto tempo é que já fizemos o juramento de sangue?

Saverio encolheu os ombros.

— Talvez há um par de anos.

— Na internet, por exemplo, nunca se fala de nós. Mas dos Filhos do Apocalipse estão sempre a falar — sussurrou Silvietta com uma vozinha tão baixa que ninguém a ouviu.

Zombie apontou o *grissino* na direção do seu chefe.

— E durante este tempo todo o que fizemos de jeito?

— Das coisas que tinhas prometido, o que fizemos? — juntou-se Murder. — Sacrifícios humanos não se viram e tinhas dito que íamos fazer um monte deles. E os ritos de iniciação com as virgens? E as orgias satânicas?

— Para já, fizemos um sacrifício humano, e de que maneira — precisou Saverio, irritado. — Não resultou, mas fizemo-lo. E a orgia também.

Em novembro do ano anterior, no comboio para Roma, Murder tinha conhecido Silvia Butti, uma estudante de psicologia. Os dois tinham muitas coisas em comum: o amor pela Lazio, os filmes de terror, os Slayer e os Iron Maiden, enfim, o bom velho *heavy metal* dos anos oitenta. Começaram a conversar no Messenger e a encontrar-se na Via del Corso aos sábados à tarde.

Foi Saverio a ter a ideia de sacrificar Silvia Butti a Satanás no bosque de Sutri.

Só havia um problema. A vítima tinha de ser virgem. Murder deu a sua palavra.

— Fiz-lhe de tudo, mas quando tentei fodê-la não houve nada para ninguém.

Zombie desatara a rir.

— Não te passou pela cabeça que se calhar não quer foder com um gorducho como tu?

— Imbecil, ela fez uma escolha pessoal de castidade. É cem por cento virgem. E de resto, desculpa lá, se não for virgem, qual é o problema?

Saverio, mestre e teórico do grupo, mostrou-se preocupado.

— Bom, é bastante grave. O sacrifício seria inútil, ou pior, poderia mesmo voltar-se contra nós. As potências infernais, não satisfeitas, poderiam atacar-nos e destruir-nos.

Depois de horas de discussão e pesquisas na internet, as Feras concluíram que a não-virgindade da vítima não era um problema substancial. E começaram a congeminar um plano.

Murder convidou Silvia Butti para um jantar em Oriolo Romano. Aí, à luz das velas, oferecera-lhe rissóis de arroz, filetes de bacalhau e uma imperial gigante onde dissolvera três comprimidos de *Rohypnol*. No fim do jantar, a estudante mal se aguentava em pé e sussurrava coisas sem sentido. Murder pegara nela, metera-a no carro e, com a desculpa de ir ver o nascer do Sol, levava-a até ao bosque de Sutri. Aí, as Feras de Abaddon, com blocos de tufo, ergueram uma ara sacrificial. A jovem, semiconsciente, foi despida e deitada em cima do altar. Saverio invocou o Maligno, degolou uma galinha e aspergiu de sangue o corpo nu da estudante e depois foderam-na, um a seguir ao outro. De seguida, abriram um buraco e sepultaram-na viva. O ritual tinha sido consumado e a seita retomou a sua viagem pelos obscuros territórios do Mal.

O problema apresentou-se três dias depois. As Feras tinham acabado de sair do Cinema Flamingo, onde tinham visto *Non aprite quella porta. L'inizio*, e deram de caras com Silvia. A rapariga, sentada num banco do jardim, comia uma *piadina*. Não se recordava muito da tal noite, mas tinha a sensação de se ter divertido. Contou que quando despertou de baixo de terra tinha conseguido abrir caminho até à superfície.

Saverio recrutou-a logo como sacerdotisa oficial da seita. Algumas semanas mais tarde, ela começou a namorar com Murder.

— Sim, é verdade, também fizeram a orgia — riu-se, embaraçada, Silvietta. — Já ma contaram centenas de vezes.

— Sim, mas não eras virgem. E portanto, tecnicamente, a missa não resultou... — disse Zombie.

— Mas como é que vocês puderam pensar que eu era virgem? A minha primeira relação sexual...

Saverio interrompeu-a:

— De todas as maneiras, era um ritual satânico...

Zombie cortou a conversa:

— Pronto, deixemos o sacrifício de lado, depois que mais fizemos?

— Degolámos várias ovelhas, parece-me. Ou não?

— E mais?

Mantos, sem querer, levantou a voz.

— E mais? E mais? Olha, mais as frases escritas no viaduto de Anguillara Sabazia!

— Grande coisa! Sabias que o Paolino com os tipos de Pavia desventrou uma freira?

A única coisa que o líder das Feras de Abaddon conseguiu fazer foi beber um copo de água de um só gole.

— Mantos? Percebeste? — Murder pôs a mão ao lado da boca.

— Desventraram uma freira de cinquenta anos.

Saverio encolheu os ombros.

— O disparate habitual. O Paolo quer fazer-nos inveja, já está arrependido de nos ter deixado.

Mas tinha a sensação de que não se tratava de nenhum disparate.

— Mas tu vês o Telejornal? — continuou Murder, impiedoso. — Lembras-te daquela freira de Caianello que encontraram decapitada perto de Pavia?

— E então?

— Foram os Filhos do Apocalipse. Apanharam-na numa paragem de autocarro e depois o Kurtz decapitou-a com um machado de guerra.

Saverio detestava Kurtz, o líder dos Filhos do Apocalipse de Pavia. Era sempre o melhor da turma. O que fazia as coisas mais extravagantes. Muito bem, Kurtz! Parabéns! És o melhor!

Saverio passou a mão pela cara.

— Está bem, rapazes... Também têm de ter em consideração que este período foi muito duro para mim. O nascimento dos gémeos. O maldito empréstimo para a casa nova.

— A propósito, como é que estão os miúdos? — perguntou Silvietta.

— São como tubos. Comem e cagam. E à noite não nos deixam pregar olho. E apanharam rubéola. E acrescenta-se a isto tudo o facto de o pai da Serena ter sido operado à bacia e que a loja de móveis

está toda a meu cargo. Digam-me lá como é que consigo organizar alguma coisa para a seita?

— Ouve lá, tens alguma coisa em saldo na loja? Quero comprar um sofá-cama de três lugares, o gato deu cabo do meu — perguntou Zombie.

O chefe das Feras já não ouvia nada, pensava em Kurtz Minetti. Um caga-tacos. Pasteleiro de profissão. Já tinha atijado fogo a um representante da Folletto e, agora, decapitara uma freira.

— De todos os modos, vocês são uns ingratos. — E apontou-os um a um. — Eu dei o cu e cinco tostões por esta seita. Se não fosse eu a iniciar-vos no culto dos Infernos, vocês a esta hora ainda andavam a ler o *Harry Potter*.

— Sim, Saverio, mas também tens de entender o nosso lado. Nós acreditamos no grupo, mas desta maneira não podemos continuar — disse Murder enquanto, nervoso, mordida um *grissino*. — Desistimos de tudo e continuamos a ser amigos.

O chefe das Feras, desesperado, bateu com as mãos na mesa.

— Vamos fazer assim. Deem-me uma semana. Uma semana não se nega a ninguém.

— Para fazeres o quê? — perguntou Silvietta, mordiscando a argola do lábio.

— Estou a planear uma ação espetacular. Uma missão muito perigosa... — Fez uma pausa. — Mas vocês depois não podem recuar. De garganta somos todos muito bons. Mas quando chega a hora de arriscar... — Imitou uma vozinha queixosa: — Não posso, desculpa... Tenho problemas na família, a minha mãe não está muito bem... Tenho de trabalhar. — E olhou de maneira especial para Zombie, que, sentindo-se culpado, baixou os olhos sobre o prato.

— Mas não nos podes antecipar alguma coisa? — perguntou Murder, timidamente.

— Não! Apenas vos posso dizer que é uma ação que vos fará saltar num ápice para o topo da lista das seitas satânicas de Itália.

Silvietta agarrou-lhe um pulso.

— Mantos, por favor, diz-nos alguma coisa. Fiquei cheia de curiosidade...

— Não! Já disse que não! Têm de esperar. Se daqui a uma semana não vos trazer um projeto sério, então damos graças e dissolvemos a seita. Está bem?

Levantou-se. Os olhos negros tornaram-se vermelhos, refletiam as chamas do forno das pizzas.

— Agora, discípulos, prestem-me vassalagem!

Os adeptos baixaram a cabeça. O líder ergueu os olhos até ao tecto e abriu os braços.

— Quem é o vosso pai carismático?

— Tu! — disseram as Feras em coro.

— Quem escreveu as Tábuas do Mal?

— Tu!

— Quem vos ensinou a Liturgia das Trevas?

— Tu!

— Quem é que pediu as *pappardelle alla lepre*? — disse o empregado com uma fila de pratos fumegantes em cima do braço.

— Eu! — Saverio estendeu a mão.

— Não lhe toques que queima.

O líder das Feras de Abaddon sentou-se e em silêncio começou a comer.

2.

A cerca de cinquenta quilómetros da Pizzeria Jerry 2, em Roma, a capital de Itália, uma vespa de três mudanças gemia pela subida do monte Mario acima. Ao volante ia o famoso escritor Fabrizio Ciba. A *scooter* parou no semáforo e quando ficou verde meteu pela Via della Camilluccia. Dois quilómetros adiante, travou em frente a um portão de ferro que estava escancarado. Ao lado via-se pendurada uma placa de latão que dizia: «Villa Malaparte».

Ciba meteu a primeira e ia enfrentar a longa subida de brita que levava à casa quando lhe apareceu à frente um primata espremido dentro de um fato de flanela cinzenta.

— Desculpe! Você, desculpe! Aonde vai? Tem convite?

O escritor tirou o capacete em forma de tigela e começou a procurar nos bolsos do casaco amarrotado.

— Não... creio que não o tenho... Devo ter-me esquecido dele.

O homem estacou à frente dele de pernas afastadas.

— Nesse caso, não pode entrar.

— Fui convidado para...

O segurança sacou de uma folha e enfiou uns óculos pequenos de armação vermelha.

— Como é que disse que se chama?

— Não disse. Chamo-me Ciba. Fabrizio Ciba.

O tipo começou a percorrer com o dedo indicador a lista de convidados fazendo que não com a cabeça.

Não me reconheceu. Fabrizio não se aborreceu por aí além. Era óbvio que o primata não sabia nada de literatura, mas, puta que o pariu, será que não via televisão? Ciba apresentava um programa chamado *Delito e Castigo* todas as quartas-feiras na RAI Tre precisamente para fulanos como ele.

— Lamento. O seu nome não aparece na lista.

O escritor estava ali para apresentar o novo romance, *Uma Vida no Mundo*, do Prémio Nobel para a Literatura Sarwar Sawhney, publicado pela Martinelli, a editora que também o representava. Com setenta e dois anos e com dois grossos livros como o Manual de Direito Privado no currículo, Sawhney recebera o prémio da Academia sueca. Ciba iria partilhar as honras da casa com Gino Tremagli, titular da cátedra de Literatura Anglo-Americana na Universidade La Sapienza de Roma, mas o velho fanfarrão tinha sido convidado apenas para dar um toque de oficialidade ao evento. Era Fabrizio quem teria de dissecar os segredos arcanos encerrados naquele romance enorme e dá-los a comer ao público romano, notoriamente sequioso de cultura.

Ciba começava a ficar mesmo zangado.

— Ouve. Se largares essa lista e olhares para o convite, o pequeno cartão branco de forma retangular que infelizmente não trouxe comigo, encontras o meu nome, já que sou eu o apresentador do serão. Se quiseres, posso ir-me embora. Mas quando me perguntarem porque não compareci direi que... Como é que te chamas?

Felizmente, apareceu uma assistente de cabelos louros cortados à tigela e *tailleur* azul. Assim que viu o seu autor preferido em cima da

vespa antiga, com aquela franja rebelde e aqueles olhões verdes, por pouco não caiu.

— Deixa-o passar! Deixa-o passar! — gritou com uma vozinha aguda. — Não estás a ver quem é? É o Fabrizio Ciba! — E, com as pernas tensas de emoção, aproximou-se do escritor. — Lamento muitíssimo! Sinto-me mortificadíssima! Ausentei-me por um instante e você chega desta maneira... Lamento, oh, como lamento... Estou...

Fabrizio presenteou a rapariga com um sorrisinho satisfeito.

A assistente olhou para o relógio.

— Já é tardíssimo. Está toda a gente à sua espera. Vá, vá, por favor. — Deu um empurrão ao segurança e enquanto Fabrizio passava gritou: — Depois poderia autografar-me o livro?

Ciba deixou a vespa no parque de estacionamento e encaminhou-se na direção da *villa* com passo ligeiro de meio-fundista.

Um fotógrafo, camuflado nas sebes de loureiro, irrompeu na alameda e correu ao encontro dele:

— Fabrizio! Fabrizio, lembra-te de mim? — Começou a segui-lo. — Comemos juntos em Milão naquela tasquinha... La Compagnia dei Naviganti... Convidei-te a vires ao meu *dammuso*, a minha casa de verão na ilha de Pantelleria, e disseste que talvez viesses...

O escritor levantou uma sobrancelha e esquadrinhou aquela espécie de *freak* careca apinhado de máquinas fotográficas.

— É claro que me lembro... — Não fazia a mínima ideia de quem diabo o tipo era. — Só que estou atrasado, desculpa. Fica para a próxima. Estão à minha espera...

O fotógrafo insistiu:

— Ouve, Fabrizio, enquanto lavava os dentes tive uma ideia muito boa: gostava de te tirar algumas fotografias numa lixeira ilegal...

À porta da Villa Malaparte, o editor Leopoldo Malagò e a responsável pelas relações públicas da Martinelli, Maria Letizia Calligari, faziam-lhe sinal para se apressar.

O fotógrafo arrastava-se com aqueles quinze quilos de aparelhos pendurados ao pescoço, mas não desistia.

— É uma coisa insólita... poderosa... o lixo, as ratazanas, as gaiotas... Percebes? Coisas para o *Venerdì di Repubblica*...

— Fica para outra vez, desculpa. — E apressou-se para junto dos dois.

O fotógrafo, exausto, dobrou-se premindo o baço com a mão.

— Posso ligar-te nos próximos dias?

O escritor nem sequer lhe respondeu.

— Fabrizio, és sempre o mesmo... O indiano já chegou há uma hora. O chato do Tremagli queria começar sem ti.

Malagò empurrava-o para o salão enquanto Calligari lhe enfiava a camisa nas calças a murmurar:

— Olha como estás vestido! Pareces um vagabundo. A sala está cheia. O presidente da Câmara também veio. Puxa o fecho para cima.

Fabrizio Ciba tinha quarenta e um anos, mas era para todos um jovem escritor. Aquele adjetivo, regularmente repetido pela imprensa e pelos outros meios de comunicação, tinha um efeito taumátúrgico sobre o seu físico. Fabrizio não demonstrava mais de trinta e cinco anos. Era magro e tonificado sem ir ao ginásio. Embebedava-se todas as noites, mas tinha a barriga plana como uma mesa.

O exato contrário do seu editor, Leopoldo Malagò, chamado Leo. Malagò tinha trinta e cinco anos mas demonstrava ter, para ser meigo, mais dez. Perdera os cabelos ainda jovem, mas uma lanugem fina ficara-lhe agarrada ao crânio. A coluna vertebral entortara-se-lhe seguindo a conformação de uma cadeira de Philippe Starck, na qual passava dez horas por dia. As suas faces tinham-se tornado flácidas e cobriam como um piedoso pano de cena o triplo queixo. A barba que deixara astutamente crescer não era tão abundante para conseguir esconder aquela região montanhosa. Tinha a barriga dilatada como se lha tivessem insuflado com um compressor. A Martinelli não olhava a gastos no que respeitava ao nutrimento dos seus editores. Graças a um cartão de crédito especial, podiam mergulhar nos melhores e mais caros restaurantes, convidando escritores, escrevinhadores, poetas e jornalistas para farras de trabalho. O resultado desta política era que os editores da Martinelli eram um bando de comilões obesos, com constelações de moléculas de colesterol que lhes navegavam imperturbadas pelas veias. Em suma, apesar dos óculos de tartaruga, a barba — que o fazia assemelhar-se a um sefardita nova-iorquino — e os fatos macios de cor verde-pântano, para as suas conquistas amorosas, Leo tinha de contar com o seu poder, o seu

atreuimento e a sua obtusa insistência. Coisas que não valiam para as mulheres da Martinelli. Chegavam à casa editora como opacas secretárias e durante os anos de militância melhoravam constantemente graças a enormes investimentos na própria pessoa. Aos cinquenta anos, sobretudo se tinham funções de representação, já eram umas mulherças álgidas e sem idade. Maria Letizia Calligari era um exemplo emblemático da espécie. Ninguém sabia quantos anos tinha. Uns diziam que tinha sessenta mas não parecia, e outros que tinha trinta e oito mas já estava acabada. Nunca trazia documentos de identificação com ela. As más-línguas sussurravam que não conduzia para não ter de trazer a carta de condução na carteira. Antes do Tratado de Schengen, ia à Feira de Frankfurt sozinha, para não mostrar o passaporte. Mas certa vez cometeu um erro. Uma noite, no Salão do Livro de Turim, deixou escapar que tinha conhecido Cesare Pavese.

— Fabrizio, peço-te que não comeces logo a agredir o pobre Tremagli — pediu-lhe Maria Letizia.

— Vai, força. Rebenta com eles — disse Malagò enquanto empurrava Fabrizio na direção da sala de conferências.

Quando entrava na arena, Ciba tinha um truque para se motivar. Pensava em Muhammad Ali, o grande pugilista, quando ele gritava e avançava para o ringue incitando-se a si mesmo: «Dou cabo dele! Nem vai ter tempo para me ver, vai logo ao chão.» Deu dois saltinhos no mesmo sítio. Relaxou o pescoço. Despenteou os cabelos. E cheio de energia, qual pilha elétrica, entrou na grande sala repleta de frescos.

3.

O líder das Feras de Abaddon ia ao volante do seu *Ford Mondeo* no trânsito que avançava em direção a Capranica. Naquela parte da estrada, os centros comerciais ficavam abertos até tarde e havia sempre engarrafamentos. De um modo geral, Saverio não ficava incomodado por estar na fila, era o único momento do dia em que podia

pensar nas suas coisas em santa paz. Só que agora estava atrasadíssimo. Serena estava à espera dele para jantar. E ainda tinha de ir à farmácia buscar os antipiréticos para os gémeos.

Pensava na reunião. Pior não podia ter corrido e, como sempre, metera os pés pelas mãos. Porque é que dissera às Feras que se dentro de uma semana não arranjasse um projeto dissolvia a seita? Não tinha uma única ideia na cabeça e para planificar uma ação satânica, como se sabe, é preciso ter tempo. Nos últimos tempos tentara congeminar uma missão, mas nada. Na loja de móveis, o mês das vendas tinha sido um massacre. De manhã à noite lá enfiado, com o velho logo em cima dele mal tentava descansar um pouco.

Na verdade, uma ideiazita até tivera: profanar o cemitério de Oriolo Romano. No papel, era uma ação interessante. Se fosse feita da maneira certa, podia resultar numa coisa realmente bonita. Mas ao pensar melhor decidira abandoná-la. Para já, em frente ao cemitério havia um corrupio de carros que nunca acabava; portanto, teriam de entrar a altas horas da noite. O muro de cerca tinha mais de três metros de altura e era encimado por cacos de garrafas de vidro. Do lado de fora do portão reuniam-se bandos de adolescentes e, às vezes, estacionava também uma carrinha que vendia sandes de courato. No interior do campo-santo vivia o coveiro, um antigo *carabiniere* marado da cabeça. Era necessário ser-se muito silencioso, mas já se sabe que a levantar pedras de mármore, a puxar caixões, a tirar ossos e a empilhá-los sempre se faz algum barulho. Saverio também tinha pensado em crucificar o antigo *carabiniere* de cabeça para baixo no mausoléu dos Mastrodomenico, a família da sua mulher.

Era complicado.

O telemóvel começou a tocar. No ecrã apareceu o nome: SERENA.

Saverio Moneta disparara a mentira do costume: o jogo do torneio de Dungeons & Dragons. Há já algum tempo que para esconder as suas atividades satânicas lhe contava que era um campeão nos jogos de personagens. A história não iria aguentar por muito mais tempo. Serena era desconfiada, não parava de lhe fazer um monte de perguntas, queria saber com quem jogava, se tinha ganho... Para a tranquilizar, certa vez, tinha organizado em casa uma partida a fingir com as Feras. Mas quando a sua mulher viu Zombie, Murder e Silvietta, em vez de se acalmar, ainda ficou mais desconfiada.

Respirou fundo e respondeu ao telemóvel:

— Amor, eu sei, estou atrasado, mas já estou a chegar. Está um trânsito tremendo. Deve ter havido um acidente.

Serena respondeu-lhe com a delicadeza habitual:

— Olha lá, mas tu piraste de vez?

Saverio enterrou-se no banco do *Mondeo*.

— Porquê? O que é que eu fiz?

— Está aqui um tipo da DHL com um embrulho enorme. Quer trezentos e cinquenta euros. Diz que é para ti. Olha lá, tenho de pagar eu?

Meu Deus, a Durindana chegou.

Tinha comprado no eBay a reprodução fiel da espada de Rolando, o paladino de Carlos Magno. A lenda diz que, antes dele, tinha pertencido a Heitor de Troia. Mas o atrasado mental do Mariano, o porteiro do seu prédio, estava avisado para ser ele a recebê-la. Serena não podia saber da espada.

— Sim, sim, paga tu. Assim que chegar a casa, dou-te o dinheiro — disse Saverio com falsa tranquilidade.

— Mas tu és parvo? Trezentos e cinquenta euros! Mas o que é que compraste? — Depois dirigiu-se ao empregado da DHL: — Pode dizer-me, por favor, o que vem dentro deste caixote?

Enquanto um esguicho de ácidos pépticos lhe roía as paredes do estômago, o grande mestre das Feras de Abaddon perguntou a si mesmo por que puta de razão tinha escolhido uma vida tão mortificante. Ele era um satanista. Um homem atraído pelo ignoto, pelo lado obscuro das coisas. Naquele momento, porém, de obscuro e ignoto na sua vida não havia nada, menos a razão que o impelira para os braços daquela bruxa.

— Então, o que é que está dentro deste caixote? — perguntou Serena ao homem da DHL.

Ele ouviu, distante, a voz do empregado.

— Minha senhora, já é tarde. Vem escrito na fatura.

Saverio, entretanto, batia com a nuca contra o apoio da cabeça e murmurava:

— Que chatice... Que chatice...

— Aqui diz que vem de The Art of War, de Caserta... Uma espada?

Saverio levantou os olhos para o céu e fez um esforço para não começar a vociferar.

— Mas uma espada para quê?

Mantos abanou a cabeça. A pupila direita foi impressionada por um enorme cartaz ao lado da estrada.

A CASA DA PRATA. LISTAS DE CASAMENTOS.
PRESENTES EM PRATA ÚNICOS E EXCLUSIVOS.

— É um presente, Serena. É uma surpresa. Ainda não percebeste?
— O tom de voz subira-lhe um par de oitavas.

— Mas para quem? Cá para mim, estás doido.

— Mas para quem? E para quem é que pode ser? Adivinha lá!

— Sei lá...

— Para o teu pai!

Fez-se um momento de silêncio.

— Para o meu pai? E o que é que ele faz com este espadão?

— O que é que ele faz, o que é que ele faz? Coloca-o por cima da lareira, não?

— Por cima da lareira? Na casa de montanha, é isso? Na casa de Roccaraso?

— Acertaste.

A voz de Serena tornou-se doce num instante.

— Não me digas... Não estava à espera de uma ideia tão querida da tua parte. Meu amorzinho, às vezes sabes mesmo como surpreender-me.

— Bom, mas agora desligo porque não posso conduzir e falar ao telemóvel.

— Está bem. Mas não demores.

Saverio encerrou a conversa e atirou o telemóvel para dentro do porta-luvas.